TERRY GOODKIND

O SANGUE DA VIRTUDE

Parte I

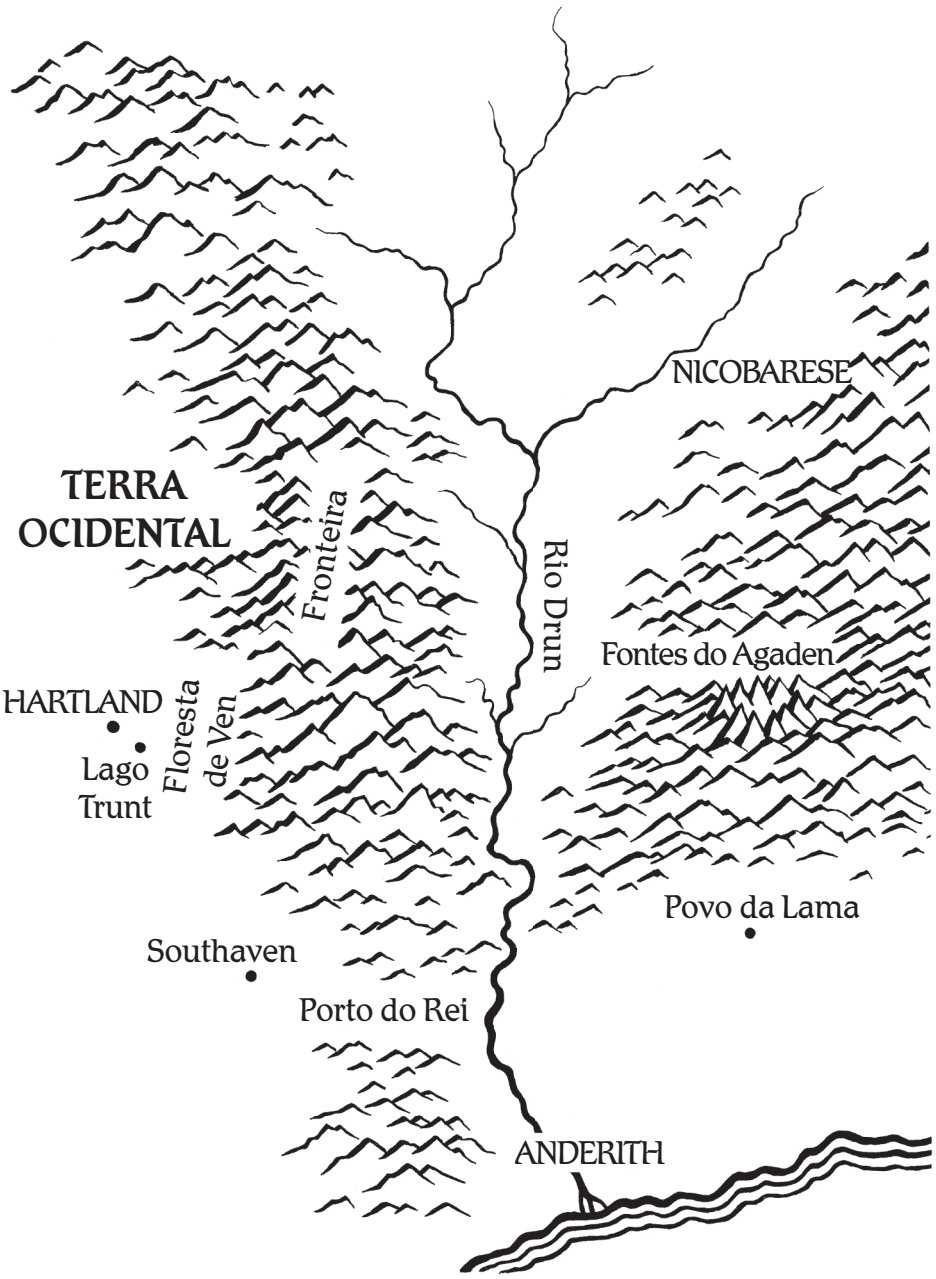
Traduzido por
José Remelhe

Porto Editora

Para Ann Hansen,
a luz nas trevas

Agradecimentos

Como sempre, o meu obrigado a todos aqueles que me ajudaram: o meu editor, James Frenkel, pela forma hábil com que continua a elevar a fasquia; à minha editora britânica, Caroline Oakley, e aos simpáticos colaboradores da Orion pela sua dedicação à excelência; a James Minz, pela frase fantástica; a Linda Quinton e à equipa de vendas e *marketing* da Tor, pela sua paixão e triunfos; a Tom Doherty, pela sua confiança, graças à qual continuo a trabalhar com dedicação; a Kevin Murphy, pelos galardoados grafismos; a Jeri, pela sua paciência; e aos espíritos de Richard e Kahlan, que continuam a ser a minha inspiração.


TERRA
OCIDENTAL
Fronteira
Rio Drun
NICOBARESE
Fontes do Agaden
HARTLAND
Floresta
de Ven
Lago
Trunt
Povo da Lama
Southaven
Porto do Rei
ANDERITH

AYDINDRIL
Montanhas Rang'Shada
D'HARA
TERRA CENTRAL
Fronteira
GALEA
KELTON
PALÁCIO DO POVO
Planícies de Azrith
Tamarang
Rio Kern
Rio Callisidrin
REGIÃO SELVAGEM
Renwold
VELHO MUNDO
TANIMURA

Capítulo 1

De súbito, as seis mulheres acordaram exatamente ao mesmo tempo e os seus gritos demorados ecoaram na cabina apinhada dos oficiais. Na penumbra, a Irmã Ulícia conseguia ouvir as outras a arfar para recuperarem a respiração. Engoliu em seco, tentando suster a sua própria palpitação, e estremeceu devido à dor aguda na garganta. Conseguia sentir as pálpebras húmidas, mas tinha os lábios tão secos que teve de os humedecer com a língua, receando que se fendessem e começassem a sangrar.

Estava alguém a bater à porta. Os gritos não passavam de um zumbido na sua cabeça. Não tentou concentrar-se nas palavras ou no seu significado; as tentativas do homem eram despropositadas.

Levantando uma mão trémula até ao centro dos aposentos mergulhados nas trevas, libertou um eflúvio do seu *han*, a essência da vida e do espírito, enviando uma torrente de calor para a lamparina a óleo que ela sabia estar pendurada na trave mais baixa. Obedientemente, a mecha acendeu-se, libertando uma sinuosa linha de fuligem que acompanhou o lento balançar da embarcação nas águas do mar.

As outras mulheres, todas despidas tal como ela, também estavam sentadas com os olhos fixos no brilho ténue amarelado, como que procurando nele a salvação, ou quiçá um sinal de que continuavam vivas e que havia luz para ser vista. Ao avistar a chama, uma lágrima escorreu pelo rosto da Irmã Ulícia. A escuridão fora asfixiante, como se lhe tivessem atirado para cima pazadas de terra húmida e negra.

Tinha a roupa da cama encharcada e fria da transpiração, mas ainda que não tivesse transpirado, tudo estava sempre húmido no ar

salgado, já para não falar da espuma que de vez em quando encharcava o convés e escorria para o andar de baixo. Já não se lembrava da sensação de sentir roupas secas junto ao corpo. Odiava aquela embarcação, a humidade constante, os cheiros fétidos, o balançar ininterrupto que a deixava agoniada. Pelo menos estava viva para odiar. Com cautela, engoliu o sabor a fel.

Ulícia passou os dedos sobre a humidade quente nos seus olhos e esticou a mão; as pontas dos dedos reluziam com sangue. Como que impelidas pelo seu exemplo, algumas das outras fizeram o mesmo. Todas elas ostentavam arranhões ensanguentados nas pálpebras, sobrancelhas e maçãs do rosto, feitos ao tentarem desesperadamente, mas em vão, abrir os olhos com as unhas para despertarem do açaime do sono, numa tentativa fútil de fugirem do sonho que não era um sonho.

Ulícia fez um esforço para afastar a névoa que lhe envolvia a mente. Deveria ter sido um simples pesadelo.

Obrigou-se a desviar o olhar da chama e a observar as outras mulheres. A Irmã Tovi estava dobrada na cama de baixo de um beliche do outro lado da cabina, com as compactas banhas descaídas nos seus flancos, em consonância com a expressão taciturna estampada no rosto enrugado, enquanto fitava a lamparina. O cabelo grisalho encaracolado da Irmã Cecília, habitualmente aprumado, estava agora em desalinho, e o seu sorriso inalterável fora substituído por uma máscara de terror; deitada na cama do beliche ao lado de Tovi, olhava fixamente para o topo, parecendo um cadáver. Ulícia inclinou-se um pouco e olhou de relance para a cama de cima do seu beliche. A Irmã Armina, mais jovem do que Tovi e Cecília, e pouco mais velha do que a própria Ulícia, mas mantendo ainda traços atraentes, parecia macilenta. Com os dedos trémulos, Armina, que por norma era calma, limpou o sangue das pálpebras.

Do outro lado da passagem, nas camas por cima de Tovi e Cecília, estavam as duas Irmãs mais jovens e com mais autocontrolo. Arranhões irregulares desfiguravam a pele imaculada das maçãs do rosto da Irmã Nicci. Madeixas dos seus cabelos loiros estavam coladas às lágrimas, suor e sangue que tinha na cara. A Irmã Merissa, igualmente bela, agarrava um cobertor junto ao peito nu, não por pudor,

mas devido ao medo. Os seus longos cabelos negros estavam todos emaranhados.

As outras eram mais velhas e controlavam habilmente os seus poderes por força da experiência, mas Nicci e Merissa possuíam talentos inatos obscuros e invulgares, uma hábil sagacidade que experiência alguma poderia igualar. Com uma argúcia avançada para as tenras idades, nenhuma delas se deixava enganar pelos sorrisos amistosos ou atos de afeto das Irmãs mais velhas. Apesar de jovens e confiantes, ambas sabiam que as outras, sobretudo Ulícia, tinham poderes para as desmembrar, membro a membro, se assim entendessem. Não obstante, isso não diminuía a sua mestria; por direito próprio, eram duas das mulheres mais formidáveis que alguma vez existiram. Mas fora pela sua determinação natural que o Guardião as escolhera.

Ulícia conhecia Merissa há quase cento e setenta anos, e durante todo esse tempo não se lembrava de alguma vez a ter visto chorar. Agora, estava a soluçar.

A Irmã Ulícia ficou primeiro horrorizada e, a seguir, nauseada por ver as outras num estado de tão abjeta fraqueza, mas depois esses sentimentos transformaram-se numa satisfação silenciosa; para dizer a verdade, até passou a apreciá-los, indo buscar forças à situação. Ela era a líder, mais forte do que as outras.

O homem continuava a bater à porta, exigindo saber o que se passava, o que vinha a ser aquela gritaria. Ulícia libertou a sua ira contra a porta.

– Deixe-nos em paz! Se precisarmos de si, chamamo-lo!

As imprecações do marinheiro foram diminuindo de intensidade, enquanto ele se afastava pelo corredor. Para além do ranger dos madeiramentos provocado pelo balançar da embarcação na ondulação forte, a única coisa que se ouvia era o soluçar.

– Acaba com a choraminguice, Merissa! – ordenou Ulícia.

Os olhos negros de Merissa, ainda vidrados de terror, fitaram-na.

– Isto nunca me aconteceu. – Tovi e Cecília acenaram as cabeças em sinal de acordo. – Obedeci às suas ordens. Porque me fez o Mestre isto? Não o desiludi.

– Se o tivéssemos desiludido – disse Ulícia –, estaríamos com a Liliana.

Armina estremeceu.

– Também a viste? Ela estava…

– Vi-a – confirmou Ulícia, disfarçando o seu próprio horror com um timbre de voz compassado.

A Irmã Nicci afastou do rosto um tufo de cabelo loiro emaranhado e encharcado. Ao recompor-se, a sua voz tornou-se mais suave.

– A Irmã Liliana desiludiu o nosso Mestre.

À medida que o aspeto vítreo dos olhos da Irmã Merissa ia desaparecendo, esta ostentou uma expressão de desdém implacável.

– Está a pagar o preço do fracasso. – A dissonância do seu tom de voz ficou espessa como a geada de inverno numa vidraça. – Para sempre. – Merissa quase nunca deixava transparecer as emoções no seu semblante, mas agora franzia o cenho com uma expressão ameaçadora. – Ela não obedeceu às tuas ordens, Ulícia, nem às do Guardião. Estragou os nossos planos. A culpa é dela.

De facto, Liliana desiludira o Guardião. Se não fosse ela, não estariam nesta maldita embarcação. As maçãs do rosto da Irmã Ulícia enrubesceram ao pensar na arrogância daquela mulher. Liliana quisera ficar com todos os louros. Tivera aquilo que merecia. Mesmo assim, Ulícia engoliu em seco ao lembrar-se do tormento por que Liliana passara e, desta vez, nem sequer sentiu a dor na garganta.

– Mas então e nós? – perguntou Cecília. Recuperara o seu sorriso, embora mais pesaroso do que satisfeito. – Temos de fazer o que este… homem manda?

Ulícia passou uma mão pelo rosto. A ser verdade o que ela presenciara, não havia lugar para hesitações. Não deveria ter sido mais do que um simples pesadelo; só o Guardião a tinha contactado num sonho que não era um sonho. Ulícia vislumbrou uma barata a rastejar para o bacio do quarto. De súbito, ergueu o olhar.

– Este *homem*? Não viste o Guardião? Viste um homem?

– Jagang – esclareceu Cecília, intimidada.

Tovi levou o dedo anelar aos lábios para o beijar, um antigo gesto que rogava a proteção do Criador. Tratava-se de um velho hábito que lhes era ensinado logo na primeira manhã da sua formação como noviças. Todas tinham aprendido a fazer aquele sinal sempre ao acordar e em momentos de aflição. Tal como as outras Irmãs, era provável

que Tovi tivesse repetido o gesto milhares de vezes. Uma Irmã da Luz estava simbolicamente casada com o Criador e com a Sua vontade. Beijar o dedo anelar consistia num ritual de renovação dos votos.

Não havia como saber de que adiantaria agora aquele gesto, dada a sua traição. Segundo a superstição, a morte esperava as Irmãs da Luz que entregavam a alma ao Guardião. Embora não fosse claro que o beijo invocasse a ira do Criador, não havia dúvida de que invocaria a do Guardião. Quando já tinha a mão a poucos centímetros da boca, Tovi percebeu o que ia fazer e afastou-a.

– Todas viram o Jagang? – Ulícia fitou-as uma a uma e elas aquiesceram. Ainda havia uma réstia de esperança. – Então, viram o imperador. Isso pode não ter qualquer significado. – Inclinou-se para Tovi. – O imperador falou-vos?

Tovi puxou a colcha até ao queixo.

– Estávamos lá todas, tal como acontece quando o Guardião nos convoca, sentadas num semicírculo, nuas, como sempre. Mas quem apareceu foi o Jagang.

No beliche de cima, Armina soluçou tenuemente.

– Silêncio! – Ulícia voltou a atenção para Tovi, que tremia. – Mas o que disse ele? Quais foram as suas palavras?

Tovi pousou o olhar no chão.

– Que as nossas almas e os nossos corpos agora lhe pertenciam, e que a nossa própria existência dependia da sua vontade. Mandou que fôssemos para junto dele o mais depressa possível; caso contrário, invejaríamos o destino da Liliana. – Levantou o olhar para Ulícia. – Acrescentou que nos arrependeríamos se o fizéssemos esperar. – Os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas. – E depois deu-me uma… amostra do que aconteceria se não lhe obedecêssemos.

A pele de Ulícia arrefecera e percebeu que também ela puxara a colcha para cima. Fez um esforço para a pousar no regaço.

– Armina? – Ouviu-se uma fraca confirmação. – Cecília? – A Irmã corroborou. Ulícia olhou para as duas Irmãs nos beliches do outro lado da cabina. O domínio que tanto se tinham esforçado para recuperar parecia manter-se. – Então? Vocês as duas ouviram as mesmas palavras?

– Sim – respondeu Nicci.

– Tal e qual – concordou Merissa, sem deixar transparecer qualquer emoção. – A culpa foi da Liliana.

– Talvez o Guardião esteja desgostoso connosco – sugeriu Cecília – e nos tenha oferecido ao imperador para o servirmos e assim recuperarmos o nosso posto.

As costas de Merissa ficaram rígidas. Os seus olhos eram uma janela para o seu coração empedernido.

– Entreguei a minha alma ao Guardião. Se temos de servir este animal vulgar para cairmos de novo nas suas graças, que assim seja. Se for preciso, até lhe lambo os pés.

Ulícia recordou Jagang no preciso instante antes de ele abandonar o semicírculo no sonho que não era um sonho, ordenando a Merissa que se levantasse. De seguida, estendera despreocupadamente uma mão, agarrara-lhe o seio direito com os dedos poderosos e apertara-o com força até os seus joelhos vacilarem. Ulícia olhou de relance para o seio de Merissa e avistou nódoas negras medonhas.

Ao reparar no olhar de Ulícia, Merissa, tranquila, não fez qualquer gesto para se tapar.

– O imperador avisou que se o fizéssemos esperar nos íamos arrepender.

Também Ulícia ouvira as mesmas instruções. Jagang agira quase com desprezo pelo Guardião. Como conseguira ele sobrepor-se ao Guardião no sonho que não era um sonho? Mas conseguira; isso é que era importante. Acontecera a todas elas. Não fora um simples sonho.

Um ardor de apreensão avolumou-se no seu ventre, à medida que a pequena réstia de esperança se esvanecia. Também ela provara o sabor do castigo em caso de desobediência. O sangue que se coagulava sobre os seus olhos lembrava-a do quanto quisera fugir daquela provação. Fora real, e elas sabiam-no bem. Não tinham alternativa. Não havia tempo a perder. Uma gota fria de suor escorreu-lhe por entre os seios. Caso se atrasassem…

Ulícia levantou-se da cama de um pulo.

– Virem este barco! – berrou, abrindo a porta de rompante. – Virem-no já!

Não estava ninguém no corredor. Escancarou a portinhola que

dava para o convés, aos gritos. As outras foram a correr atrás dela, batendo nas portas das cabinas, enquanto avançavam. Ulícia não se importou com as portas; o seu objetivo era alcançar o homem do leme, que dirigia a embarcação e comandava os manobradores das velas.

Ao abrir a portinhola do convés, foi recebida por uma luz lôbrega; a aurora ainda não rompera. Nuvens plúmbeas cobriam o caldeirão negro do oceano. Formava-se uma espuma reluzente logo depois do parapeito, enquanto a embarcação deslizava por uma vaga enorme, dando a sensação de que mergulhavam num abismo escuro. As outras Irmãs irromperam atrás dela no convés varrido pela espuma.

– Virem este barco para trás! – gritou para os marinheiros descalços, que se viraram, mudos de surpresa.

Ulícia soltou um palavrão e desatou a correr na direção do leme. As cinco Irmãs seguiram-na de perto pelo convés pardacento. Com as mãos a segurar a lapela do casaco, o timoneiro esticou o pescoço para ver o que se passava. A luz de uma lamparina subia de uma abertura aos seus pés, revelando as caras de quatro homens que manejavam o leme. Os marinheiros juntaram-se perto do timoneiro e ficaram embasbacados a olhar para as seis mulheres.

Ulícia engoliu ar, tentando recuperar o fôlego.

– O que se passa convosco, seus idiotas boquiabertos? Não me ouviram? Mandei virar este barco para trás!

De súbito, percebeu por que as fitavam: as seis estavam nuas. Merissa pôs-se ao lado dela, soerguida e arredia como se estivesse a envergar uma túnica que a envolvia dos pés à cabeça. Um dos marinheiros cobiçosos avançou, enquanto mirava a mulher mais jovem de cima a baixo.

– Ora, ora. Parece que as senhoras vieram para a brincadeira.

Tranquila e inacessível, Merissa fitou o seu sorriso lascivo com uma autoridade serena.

– O que é meu é meu e de mais ninguém, nem mesmo para olhar, a menos que eu assim o decida. Desvia imediatamente os olhos da minha carne, ou ficarás sem eles.

Se o homem tivesse o dom, e o dominasse como Ulícia, teria conseguido sentir o ar em redor de Merissa fender-se ameaçadoramente

SVIRT1-2

com o seu poder. Estes homens pensavam que elas eram simples membros abastados da nobreza que desejavam viajar para destinos distantes; não sabiam quem ou o que eram na realidade. O capitão conhecia-as por Irmãs da Luz, mas Ulícia ordenara-lhe que não divulgasse essa informação aos seus homens.

O homem escarneceu de Merissa com uma expressão lasciva e movimentos obscenos das ancas.

– Não sejas envergonhada, rapariga. Não terias vindo cá fora nesses preparos se não estivesses a pensar no mesmo que nós.

A atmosfera exaltou-se à volta de Merissa. O sangue afluiu ao entrepernas do homem, que guinchou ao olhar para cima com um olhar tresloucado. A luz cintilou na lâmina da adaga comprida que trazia no cinto quando ele a arrancou da bainha. Soltando um uivo de recompensa, avançou com um desígnio letal.

Um meio sorriso aflorou os lábios fartos de Merissa.

– Seu canalha imundo – murmurou entre dentes. – Mando-te para o jugo gélido do meu Mestre.

A pele do homem dilacerou-se como se ele não passasse de um melão podre surrado com um bastão. Uma explosão de ar espoletada pelo poder do dom arremessou-o por cima do parapeito, deixando um rasto ensanguentado sobre o entabuado. Quase sem esparrinhar água, o seu corpo foi engolido pelas águas negras. Os outros homens, quase uma dúzia, permaneceram de olhos arregalados e imóveis como estátuas.

– Não desviarão os olhos dos nossos rostos – sibilou Merissa –, não olharão para qualquer outro sítio.

Os homens anuíram com a cabeça, demasiado estarrecidos para proferirem uma palavra. O olhar de um homem incidiu de modo involuntário sobre o corpo de Merissa, como se esta, ao enunciar em voz alta a proibição, tivesse tornado o impulso de o fazer impossível de controlar. Aterrorizado, o homem começou a desculpar-se, mas um foco de poder, acutilante como um machado de guerra, fendeu-lhe a fronte ao meio. Caiu borda fora, tal como acontecera ao primeiro.

– Merissa – instou Ulícia com doçura –, já chega. Creio que aprenderam a lição.

Um olhar gélido, distante por detrás da bruma do *han*, focou-se nela.

– Não permitirei que os olhos deles se apoderem do que não lhes pertence.

Ulícia franziu o cenho.

– Precisamos deles para regressar. Estás recordada da nossa urgência, não estás?

Merissa olhou de relance para os homens.

– É claro, Irmã. Devemos regressar imediatamente.

Ulícia voltou-se e reparou que o capitão Blake acabara de chegar e estava especado de boca aberta atrás delas.

– Dê a volta a este barco, capitão! – ordenou Ulícia. – Já!

Blake passou a língua pelos lábios para os humedecer, enquanto o seu olhar incidia sobre as mulheres.

– Agora querem regressar? Porquê?

Ulícia ergueu um dedo na direção dele.

– O capitão recebe um bom dinheiro para nos levar para onde queremos ir e quando queremos. Já lhe expliquei que as perguntas não estão incluídas no negócio e também o avisei de que o racho a meio caso desrespeite alguma cláusula do contrato. Se me puser à prova, perceberá que não sou tão indulgente como a minha companheira; eu não concedo uma morte rápida. Agora, dê a volta a este barco!

O capitão meteu mãos à obra. Endireitou o casaco e gritou para os seus homens.

– Regressem ao trabalho, seus mandriões! – Fez sinal ao timoneiro. – Senhor Dempsey, mude a rota. – O marinheiro parecia petrificado pelo choque. – Agora, senhor Dempsey!

O capitão Blake tirou o chapéu esfarrapado da cabeça e fez uma vénia a Ulícia, tendo o cuidado de não desviar o olhar dos seus olhos.

– Como queira, Irmã. Contornaremos a Grande Barreira rumo ao Velho Mundo.

– Siga uma rota direta, capitão. O tempo urge.

O capitão apertou o chapéu na mão.

– Rota direta! Não é possível navegar pela Grande Barreira! – Apressou-se a adotar um tom mais discreto. – Não é possível. Morreríamos todos.